

**DESCONSTRUINDO O DESEJO:
O CORPO COMO ESPAÇO POLÍTICO NA PÓS-PORNOGRAFIA**

Lívia Maria Pinto da Rocha Amaral Cruz¹

Resumo: Este trabalho pretende abordar as relações entre estética e política no movimento da *pós-pornografia*. Em como a desconstrução da pornografia que “conhecemos” pode dizer outra coisa sobre os corpos sexuados e sobre si mesma. Pode a pornografia compor uma poética e uma política do sexo? Pode a mesma sair do lugar comum e objetificador e dar espaço para um entendimento e compreensão dos desejos humanos sem tabus ou fetichismos mas de maneira encorajadora e naturalizadora do sexo? Pode a pornografia servir de arauto e contestação política para movimentos de igualdade como o feminismo e o movimento gay? Para William Ewing, todas as fotografias do corpo são potencialmente políticas, na medida em que representam valores e atitudes sociais. Foucault afirma que as pessoas são constituídas por tecnologias muito precisas que as definem em termos de gênero, classe social, raça e sexo. A ideia do trabalho será, a partir de relatos e imagens (fotográficas ou em movimento), analisar a importância desse movimento ainda um tanto desconhecido, para os estudos sobre política, comportamento, sexualidade e arte.

Palavras Chave: Pós-Pornografia; Corpo; Política.

Contato: livsrocha@gmail.com

Eu amo a minha vagina.
Buck Angel

Eu quero trazer as mulheres para o pornô.
Erika Lust

A *pós-pornografia* ou *pós-pornô*, por ser muito recente, ainda exprime um desafio na hora de defini-la de maneira precisa. Sua origem vem da década de 1980 nos Estados Unidos, mas é só a partir da primeira década do século XXI que o movimento ganha uma certa visibilidade por conta do crescimento de uma rede de artistas e ativistas concentrados principalmente na cidade de Barcelona, Espanha². Poderíamos dizer que se dá por obras, performances e ações, onde o objetivo primordial é e confrontar o imaginário pornográfico e sexual vigente. Faz-se isso partir de representação de corpos, gêneros e

¹ Mestranda no Programa de Pós Graduação em Multimeios do Instituto de Artes (IA) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Historiadora formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

² O movimento *PostOp* (Oliveira 2013).

Cruz, Lívia Maria Pinto da Rocha Amaral. 2016. “Desconstruindo o desejo: o corpo como espaço político na pós-pornografia”. In *Atas do V Encontro Anual da AIM*, editado por Sofia Sampaio, Filipe Reis e Gonçalo Mota, 363-372. Lisboa: AIM. ISBN 978-989-98215-4-5.

práticas sexuais historicamente marginalizadas, com a premissa de recusar os discursos, as estéticas e narrativas tradicionais da pornografia comercial, *heterossexualmente*³ orientada. Assim, a *pós-pornografia* se caracteriza como “um movimento sexual/social que combate, convoca e comove ao mesmo tempo” (Borges 2012, s/p.).

Para William Ewing (1996), todas as fotografias do corpo são potencialmente políticas, na medida em que representam valores e atitudes sociais. Erwig acredita que este tipo de fotografia seria um campo de batalha onde se tornariam um lugar de convergências, disputas complexas de pulsões morais, biológicas e políticas (Fabris 2010, 121). Em parte, estas convergências se referem a práticas sexuais marginalizadas como, por exemplo, o movimento feminista e *queer*. Em relação a imagens em movimento, como a pornografia, a homossexualidade feminina e as pessoas *não-binárias*, ou no inglês, *genderqueer* fogem da limitação da categorização binária *homem-mulher* e não tem um mercado pornográfico para elas. A homossexualidade feminina na pornografia, em sua grande maioria, é tratada como um fetiche masculino e, quanto à parcela de identificação sexual *genderqueer*, quando se encontra, acaba indo junto com o sexo lésbico para a categoria de fetiche⁴. Assim, esses dois movimentos representam a principal parcela dos que pensam, produzem e divulgam o *pós-pornô*.

É interessante lembrarmos que a pornografia surgiu não como modo de prazer e alívio sexual. Mas sim como crítica e resistência política. Lynn Hunt nos lembra que a pornografia,

seu modo de se manifestar nem sempre foi de representação de práticas e órgãos sexuais para estimular o prazer: entre os séculos XVI e XVIII, por exemplo, panfletos com imagens de atos sexuais eram uma forma de utilizar o sexo para promover críticas e oposição a aristocracia e ao clero. Nesse período, o controle e censura dos trabalhos manuscritos e impressos era feito em nome da religião e da política. As leis modernas de regulamentação e coerção da pornografia, permeadas por

³ Apesar de termos há muito tempo um mercado de filmes pornô para o público gay, ainda assim é complicado para alguns nichos do movimento.

⁴ Como é o caso dos filmes com travestis e transgêneros no mercado *comum* dos filmes pornográficos.

uma noção de moral burguesa que legitimava a censura em nome da *decência* só foram ser formadas no início do século XIX, momento em que a pornografia passou a ser encarada como uma categoria específica. (Hunt apud Sarmet 2014, 3)

Ou seja, em algum momento deste percurso o ideal da pornografia, como movimento de contestação, foi desconstruído e se tornou o próprio opressor. E agora cabe à *pós-pornografia* seguir seus passos de contestação e movimento político para dar voz, seu lugar, aos oprimidos sociais e sexualmente. É interessante notarmos que a história da pornografia caminha, de certa forma, de mãos dadas com a história política e social. Onde antes a contestação envolvia as grandes parcelas sociais contra os instrumentos de opressão da religião e política, agora, assim como na sociedade *como um todo*, o movimento *pós-pornográfico* também luta, da sua maneira, pelo fim da opressão contra feminina e contra a homofobia, transfobia, etc.

Assim, será que pode a pornografia compor uma poética e uma política do sexo? Pode a mesma sair do lugar comum e objetificador e dar espaço para um entendimento e compreensão dos desejos humanos sem tabus ou fetichismos, mas de maneira encorajadora e naturalizadora do mesmo? Pode a pornografia servir de arauto e contestação política para movimentos de igualdade como o feminismo e o movimento gay? Este trabalho visa tentar responder, por meio de exemplos, estas questões.

Muitos afirmam que o movimento *pós-pornô* tem como principal característica ser feminista pela grande parcela ativista de mulheres trabalhando dentro dele, principalmente pelo fato de que tanto a arte ativista feminista como o *pós-pornô* criticam precisamente as estruturas machistas arraigadas às quais os setores conservadores apelam. Em palavras mais simples, este imaginário patriarcal que divide a metade da população feminina entre boas e más mulheres, onde o corpo feminino só pode ser mostrado para o deleite do olhar masculino e onde a aparência de dirigentes políticas inspira manchetes.

O movimento tem como prática transformar a sexualidade em criação artística, intensificando as relações entre privacidade e espaço público, corpo

e máquina e tecnologia e cotidiano. A *pós-pornografia*, além de ser essencialmente política também é deveras experimental, crescendo assim por diversas vertentes e, a cada dia mais entre o audiovisual, por conta das novas tecnologias que propiciaram sua produção/ veiculação. O movimento pode ser entendido como uma espécie de *next level* da pornografia tradicional que conhecemos, de desconstrução de tudo que é nos posto para considerarmos *pornográfico*. Para Fabiane Borges, a *pós-pornografia* tem

[s]eus circuitos, seus sinais, seus entraves, e há muitos entraves, desde perseguição na internet até prisão, problemas com justiça. Mas o movimento se movimenta (...). É que o movimento tolhe, mas também liberta. O *pós-pornô* libera espaço nos corpos e nos modos de desejar. (...) O *pós-pornô* tem muitos antídotos às políticas dos desejos sexuais instituídas. (...) É um movimento pragmático. (...) É nessa estrutura que o *pós-pornô* mexe, ajuda teus olhos a desprogramar teu programa sexual corporativo. ” (Borges 2012, s/p.)

Uma das precursoras do movimento, a ex-atriz pornô e hoje ativista Annie Sprinkle, tomou o conceito de *pós-pornografia* emprestado do artista holandês Wink van Kempen, que utilizou a expressão para se referir a criações sexualmente explícitas cujo objetivo não é induzir à masturbação, adquirindo um viés crítico ou paródico. Sprinkle, que considerava a indústria pornográfica um tanto machista e irresponsável perante a crise da AIDS, passou a dirigir seus próprios filmes e a organizar espetáculos em que expõe suas facetas de artista, educadora sexual e ativista feminista.

Na Espanha, onde o movimento tomou força, o clímax chegou em 2008, quando o teórico *queer* Paul B. Preciado (anteriormente conhecido como Beatriz Preciado) organizou, em Donostia, o congresso *Feminismopornopunk*, onde artistas e ativistas do cenário internacional, como a própria Sprinkle participaram, além de figuras locais como Diana Pornoterrorista e o coletivo *PostOp*.

Foucault (2004) afirma que as pessoas são constituídas por tecnologias muito precisas que as definem em termos de gênero, classe social, raça e sexo. O sociólogo acredita que assim como a medicina, a loucura, a prisão e a sexualidade, a pornografia deveria ser considerada produto das novas formas

de regulamentação e dos novos desejos de saber. Assim, foram escolhidos como exemplos de representatividade na *pós-pornografia* quatro movimentos bem distintos onde, cada um, representa uma parcela de ajuda na contestação da sociedade atual: o projeto australiano *Beautiful Agony*; a ex-atriz pornô, e agora vídeo artista e militante, Annie Sprinkle; e o transgênero ator pornô (e também militante pelos direitos LGBTTs) Buck Angel; a cineasta pornô, que é conhecida por fazer um *pornô para mulheres*, Erika Lust e a militante participante do movimento catalão, a madrilena Diana J. Torres, também conhecida como Diana Pornoterrorista.

A americana Annie Sprinkle, como visto acima, tomou a dianteira dos seus trabalhos como atriz pornô e começou dirigir e produzir filmes alternativos dentro do circuito junto com outras pessoas que pensavam que o tesão feminino não era representado nos filmes pornográficos e a mulher era apenas objetificada para o prazer visual cis-masculino. Por conta disso ela é considerada a mãe da *pós-pornografia* e a musa inspiradora de toda uma nova geração. Seus filmes misturam sensualidade com consciência política, além de ser respeitada por ter levado a diante a conversa entre pornografia e arte contemporânea, promovendo nos mais diversos lugares do mundo polêmicas exposições em centros de arte, universidades e galerias, que ampliam a noção de corpo, prazer e sexo.



Imagem 1: A ativista e artista Annie Sprinkle (à esquerda).⁵

⁵ http://i1.kym-cdn.com/photos/images/masonry/000/025/666/buck_angel_bitches.jpg
Acedido em 25 de julho de 2015.

Um de seus principais filmes, que é um perfeito exemplo de mistura entre sensualidade e consciência política é *A Female-To-Male: Transexual Love Story* (1989), onde apresenta com certo didatismo sua relação com uma transexual recém operada, apresentando dados da sua operação, mostrando seus sofrimentos, desejos, laudos médicos e prazer. Sua principal vertente de trabalhos hoje em dia está na proposta do *ecosexo*, onde mostra seu tesão pelo planeta, pelos cosmos e pela ecologia.

Já o projeto *Beautiful Agony*, que teve início em 2004, consiste em veiculação de curtas onde pessoas são filmadas se masturbando e chegando ao *clímax* (daí o nome do projeto, fazendo uma alusão ao ato de se chegar ao orgasmo). A diferença é que os vídeos só mostram dos ombros para cima, então tudo o que se vê é uma sucessão de rostos fazendo “Oh!”. Os vídeos são basicamente versões de *webcam* do curta experimental *Blow Job*, de Andy Warhol⁶. Qualquer pessoa, de uma estrela pornô a um idoso de 95 anos, pode submeter um vídeo seu se masturbando e gozando. Os vídeos variam de *shows* solo a masturbações em grupo, mas você não vê nada abaixo dos ombros. O nome “*Beautiful Agony*” se refere à tensão quase dolorosa que vem logo antes do orgasmo, seguida de um estado quase zen. O projeto tem sua importância pois tira do lugar de tabu, de pejorativo, o ato de se masturbar, além de desconstruir toda uma gama de filmes pornográficos sobre o tema, naturalizando o sexo e o prazer humano e principalmente, mesmo sem uma bandeira levantada, o prazer feminino, a masturbação feminina, esta que é mais marginalizada do que a masculina no âmbito social.

⁶ *Blow Job*. Dir: Andy Warhol, 1966/67. O curta era uma filmagem, do pescoço para cima, de um jovem recebendo sexo oral. A câmera só captava suas expressões de prazer.



Imagem 2: Compilação de vídeos do projeto *Beautiful Agony*.⁷

O terceiro exemplo deste trabalho é o ator pornô transgênero Buck Angel. Angel, que nasceu mulher, nunca se identificou no gênero que nasceu e assim que pôde fez o tratamento de ressignificação sexual ou seja, tomou hormônios masculinos para modificar seu corpo. Porém, o que faz de Buck especial é o fato dele ter escolhido não completar o tratamento de ressignificação, deixando de fazer a cirurgia de reposicionamento de seu órgão reprodutor. Buck é um homem transgênero, porém ainda tem sua vagina. O ator ficou famoso no universo pornográfico por conta de sua condição física porém, o reduzir apenas nisso é um erro crasso. Buck é um transgressor.



Imagem 3: O ator e ativista trans Buck Angel.⁸

⁷ <https://d3mod6n032mdiz.cloudfront.net/thumb2/b/e/a/beautifulagony/beautifulagony-540x360.jpg> Acedido em 25 de julho de 2015.

⁸ http://i1.kym-cdn.com/photos/images/masonry/000/025/666/buck_angel_bitches.jpg Acedido em 25 de julho de 2015.

Sem referências e consciente dos dramas que muitos jovens passam, utilizou os filmes eróticos para provar a sua existência e dizer para o mundo que existem, sim, homens com vagina. O currículo de Buck, além documentário sobre sua vida,⁹ tem filmes onde transa com mulheres, homens, travestis e transexuais mulheres. À frente do seu tempo, Buck misturou as normas, sexualidades e concepções sobre o que é sexo biológico. Por meio de filmes pornô fez ainda a categoria *trans* entrar no mais requisitado prêmio pornô,¹⁰ ajudando a desconstruir vários tabus e preconceitos sobre a sexualidade. Apesar de Angel não ser um *militante* do movimento pós-pornô, até por se encontrar, talvez, na indústria pornográfica *mainstream*, não perde créditos com todo o discurso defendido pelo próprio movimento. Angel tem como meta de seu trabalho, não só por trás das câmeras, mas dando palestras e fazendo apresentações, *desprogramar* seu conteúdo sexual¹¹. Exatamente como o próprio movimento defende.

Outro grande exemplo de ativista dentro do movimento pós-pornográfico é a artista performática paulista Diana J. Torres, também conhecida como Diana Pornoterrorista. Diana participou ativamente do movimento pós-pornô em Barcelona, colaborando com um número de artistas tanto locais quanto internacionais. Seus trabalhos são pautados na partilha de seus conhecimentos no ativismo político feminista e experimentação artística onde, inclusive já trabalhou com Annie Sprinkle, entre outras figuras importantes do movimento. Diana já levou seu trabalho a diversas cidades em diferentes países. Diana já participou da organização de festivais sobre o tema, como o catalão *Postporn* e o Muestra Marrana.¹²

O trabalho de Diana é multidisciplinar. Envolve práticas artísticas como poesia, ensaios, workshops e vídeos, os quais divulga na internet. Um de seus principais projetos, o *Pornoterrorismo* consiste em Diana estar em diálogo constante com o público onde usa de senso de humor e ideias feministas para

⁹ Ex. *Mr. Angel*, dir: Dan Hunt, 2006.

¹⁰ O AVN Award, com *V, de Vagina* (2006).

¹¹ <https://www.youtube.com/watch?v=2ncPRCFnW08> (em 04:11 min aprox.). Acedido em 25 de julho de 2015.

¹² <http://muestramarrana.org> Acedido em 25 de julho de 2015.

atacar incisivamente as mentes fechadas e a hipocrisia em toda as suas formas com a sua linguagem poética e artística.



Imagem 4: À esquerda, a cineasta sueca Érika Lust palestrando numa conferência TED;¹³ à direita, cartaz de divulgação do trabalho *Pornoterrorismo* da artista Diana J. Torres.¹⁴

Apesar de muitas críticas de pessoas importantes dentro do movimento, por apenas retratar em seus filmes o sexo hetero de mulheres *cis* e não se considerando em si *pós-pornô*, compreendendo como pornografia feminina algo de natureza mais *delicada*, mas que acaba entrando nesse universo de interpretação, encontramos a cineasta sueca, residente em Barcelona, Erika Lust. Erika, cientista política e militante feminista que virou uma cineasta de filmes pornô cujos filmes, como ela mesma fala, são feministas, ou seja, são feitos não *para mulheres* mas sim as colocando em um lugar de poder, de respeito, sem objetificações. Junto com elas existem outras cineastas, que tentam desconstruir o pornô tradicional comercial e trazer um pornô mais bem cuidado, mais bem acabado e delicado. Porém, o embate com ativistas do movimento se dá principalmente por conta de seu discurso de ressignificações do delicado imaginário feminino, este historicamente marginalizado. A *pós-pornografia* se identifica mais com o movimento e militância *queer*, onde seus

¹³ https://www.youtube.com/watch?v=Z9LaQtfpP_8 Acedido em 25 de julho de 2015.

¹⁴ http://www.laneomudejar.com/wp-content/uploads/2015/02/cartel_neomudejar_pornoterrorismo_FACEBOOK.png Acedido em 25 de julho de 2015.

signos diferem um tanto.¹⁵ Sua importância nesse trabalho se deu por ter sido uma das precursoras, e ter se instalado em Barcelona, cidade importante para o movimento e pelo fato de que, por mais que essas duas maneiras de se pensar divirjam, ambas fazem parte de um mesmo projeto e processo de reflexão, onde seu principal objetivo é o questionamento da pornografia tradicional. Já ativamente dentro do movimento, entre 2002 e 2006, o coletivo *Girls Who Like Porno* criou peças de videoarte e organizou oficinas com um enfoque feminista. Em seu manifesto, elas defendiam o fim da opressão às identidades, fantasias e sensualidade femininas.

Sarmet compreende que “a pluralidade das formas de ação do *pós-pornô* evidencia que não estamos diante de um movimento unificado ou de um gênero com códigos estabelecidos.” (2014, 10). Para ela, por conta da estética pós-pornográfica não possuir uma definição estabelecida, seus artistas e ativistas estão cada vez mais presentes no “audiovisual, na performance, na literatura, nas artes visuais e nas ruas” (Sarmet 2014, 10).

Portanto, é impossível esmiuçar todo vasto e rico território da pós-pornografia em um simples trabalho. É um tema que, além de rico em informações, é cheio de nuances e precisa de uma pesquisa delicada para entender e analisar toda sua pluralidade interna. O que foi proposto neste trabalho, pelas perguntas feitas mais acima no corpo do texto, foi tentar, por meio de exemplos, respondê-las. A *pós-pornografia* é sim um movimento de vanguarda. É estético, é político e sexual. Seus militantes lutam para uma reflexão sobre a questão do corpo, do sexo, tabus, prazeres e desejos; desconstruindo a pornografia *mainstream* atual e trazendo de volta o sexo como ferramenta política e encarando o ato sexual como movimento artístico.

BIBLIOGRAFIA

Borges, Fabiane. 2012. *Pósporno*.

<https://catahistorias.files.wordpress.com/2012/07/pos-porno.pdf> .

Acedido em 25 de julho de 2015.

¹⁵ “No entanto, essa é uma visão a qual o pós-pornô não consegue se associar, pois sua estreita relação com os estudos e a militância *queer* faz com que grande parte das produções reivindique signos e artefatos culturais que o feminismo tradicional considerava impróprios da feminilidade (Preciado, 2007), como o pênis, os pelos, a agressividade, a dominação sexual e os fluidos corporais.” (Sarmet 2014, 09)

- Bourcier, Marie-Helène. 2014. *Bildungs-Post-Porn: Notas sobre a proveniência do pós-pornô, para um futuro do feminismo da desobediência sexual*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Bagoas, Natal, n. 11 (15-37). <http://pt.scribd.com/doc/268280036/buildungs-post-porn-Marie-Helene-Bourcier-pdf#scribd> Acedido em 25 de julho de 2015.
- Fabris, Annateresa. 2010. "O corpo como território do político". In Jaremtchuk, Dária; Rufinoni, Priscila (org). *Arte e política: situações*. São Paulo: Alameda.
- Foucault, Michel. 1998. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Editora Graal.
- Foucault, Michel. 2004. "Sexo, poder e política de identidade". In: Motta, Manuel Barros. (org.). *Ditos e Escritos*. Vol. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Ewing, William A. 1996. *The body: photoworks of the human body*. London: Thames & Hudson.
- Oliveira, Juliana Goldfarb de. 2014. *Sexo, arte e emancipação feminina: O processo de reescrita da pornografia através do movimento pós-pornô*. Universidade Federal da Paraíba, Cultura & Tradução. João Pessoa, v. 3, n. 1 (310-318). <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ct/article/view/21707/12208> Acedido em 25 de julho de 2015.
- Oliveira, Thiago Ranniery Moreira de. 2013. *Hardcore para um sonho: Poética e política das Performances pós-pornôs*. Universidade Federal da Bahia, Repertório, Salvador, nº 20. <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revteatro/article/viewFile/8766/6308> Acedido em 25 de julho de 2015.
- Preciado, Beatriz. 2002. *Manifiesto contra-sexual*. Madrid: Opera Prima.
- Sarmet, Érica. 2014. *Pós-pornô, dissidência sexual e a situación cuir latino-americana: pontos de partida para o debate*. Universidade Federal da Bahia, Revista Periódicus Salvador, Vol. 1, No 1. <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10175/7263> . Acedido em 25 de julho de 2015.
- Williams, Linda. 1999. *Hard Core: Power, pleasure and the frenzy of the visible*. University of California Press.
- Williams, Linda. (Org.). 2004. *Porn Studies*. Durham: Duke University Press.

FILMOGRAFIA

- A Female-To-Male: Transsexual Love Story* (a.k.a. *Linda/Les and Annie*). 1992, 32 min. Documentário; Dirigido por Annie Sprinkle, Johnny Armstrong, Albert Jaccoma. Estrelado por Les Nichols, Annie Sprinkle.
- Blow Job*. 1963, 35 min. Curta-metragem; Dirigido por Andy Warhol; Estrelado por DeVeren Bookwalter, Willard Maas.
- Mr. Angel*. 2013, 68 min. Documentário; Dirigido por Dan Hunt; Estrelado por Buck Angel, Lux Alptraum, Tyra Banks, Belladonna, Sasha Grey (e mais).
- V for Vagina*. 2006, 66 min. Pornô; Dirigido por Buck Angel; Estrelado por Buck Angel, Kitty, Lyla Lei, Nikki Brand, Moli Worx.